

DIÁLOGOS ENTRE ENSINO E PESQUISA: incentivo à pesquisa como atividade investigativa na Educação Básica

DIALOGUES BETWEEN TEACHING AND RESEARCH: incentive to research as investigative activity in Basic Education

DIÁLOGOS ENTRE ENSEÑANZA E INVESTIGACIÓN: incentivo a la investigación como actividad investigadora en Educación Básica

Aline de Carvalho Moura¹

<https://orcid.org/0000-0001-6186-605X>

Joyce da Costa Lima²

<https://orcid.org/0000-0002-5565-0532>

Resumo

A atividade investigativa encontra-se no cerne da discussão deste artigo, temática a qual debruçamos nossos estudos e pesquisas. O diálogo entre ensino e pesquisa é o produto do que propomos como problemática a partir do objeto de pesquisa que trata sobre a pesquisa em educação no Brasil. Partindo da compreensão do professor como agente formador na Educação Básica, entendemos a pesquisa como eixo e apoio para a prática docente. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é apresentar a pesquisa como atividade investigativa, possibilitando um ensino preocupado com a criticidade, reflexão do aluno sobre sua realidade e as questões que o permeiam como sujeito. Dispomo-nos discutir acerca do conceito de pesquisa, o papel da mesma na prática docente, bem como sua influência na formação do aluno na Educação Básica. Fomentamos o debate quanto à articulação da pesquisa com o ensino, à importância de uma formação inicial para a pesquisa como atividade investigativa e ao senso crítico-questionador do aluno, a partir de uma metodologia que consiste no trabalho bibliográfico sobre a temática da pesquisa em educação no Brasil e sua aproximação com as questões relacionadas ao ensino. Como resultado, apresentamos a possibilidade de uma perspectiva de ensino preocupada em suscitar e instigar a curiosidade e o questionamento a partir dos conteúdos já trabalhados nos mais diversificados segmentos da Educação Básica, a fim de produzir, de fato, a atividade investigativa no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Pesquisa. Ensino. Atividade investigativa. Educação Básica.

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed- UERJ). Professora Adjunta do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino Superior e Pesquisa em Educação - ESPE/UFRRJ. E-mail: licacmoura@hotmail.com

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ/IM), bolsista no Programa de Iniciação Científica pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino Superior e Pesquisa em Educação - ESPE/UFRRJ. E-mail: joycoosta.8@outlook.com

Como referenciar este artigo:

MOURA, A. C.; LIMA, J. C. Diálogos entre ensino e pesquisa: incentivo a pesquisa como atividade investigativa na educação básica. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-21, 2021.

Resumen

La actividad investigadora está en el centro de la discusión de este artículo, el tema en el que centramos nuestros estudios e investigaciones. El diálogo entre docencia e investigación es producto de lo que proponemos como problemático desde el objeto de investigación que trata de la investigación en educación en Brasil. Partiendo de la comprensión del docente como agente formador en Educación Básica, entendemos la investigación como eje y soporte de la práctica docente. En este sentido, el objetivo de este artículo es presentar la investigación como una actividad investigativa, posibilitando una enseñanza preocupada por la criticidad, la reflexión del alumno sobre su realidad y las cuestiones que lo permean como sujeto. Estamos dispuestos a discutir sobre el concepto de investigación, su papel en la práctica docente, así como su influencia en la formación de los estudiantes de Educación Básica. Fomentamos el debate sobre la articulación de la investigación con la docencia, la importancia de la formación inicial para la investigación como actividad investigadora y el sentido crítico-cuestionador del alumno, a partir de una metodología que consiste en un trabajo bibliográfico sobre el tema de la investigación en educación en Brasil y su abordaje de los temas relacionados con la docencia. Como resultado, presentamos la posibilidad de una perspectiva docente preocupada por despertar e instigar la curiosidad y el cuestionamiento de los contenidos ya trabajados en los segmentos más diversificados de la Educación Básica, con el fin de producir efectivamente una actividad investigadora en la vida escolar cotidiana.

Palabras clave: Investigación. Enseñando. Actividad investigadora. Educación Básica.

Abstract

The investigative activity is found at the core of the discussion of this article, which we discuss our studies and research. The dialogue between teaching and research is the product of what we propose as problematic from the research object that deals with research in education in Brazil. Starting from the understanding of the teacher as a training agent in Basic Education, we understand research as an axis and support for teaching practice. In this sense, the objective of this article is to present research as an investigative activity, enabling teaching concerned with criticality, the student's reflection on his reality and the issues that permeate him as a subject. We are ready to discuss about the concept of research, its role in teaching practice, as well as its influence on the education of students in Basic Education. We encourage the debate about the articulation of research with teaching, and the importance of initial training for research as an investigative activity, and of the student's critical-questioning sense, based on a methodology that consists of bibliographic work on the research theme. In education in Brazil, and its approach to issues related to teaching. As a result, we present the possibility of a teaching perspective concerned with arousing and instigating curiosity and questioning from the contents already worked on in the most diversified segments of Basic Education, in order to actually produce investigative activity in everyday school life.

Keywords: Research. Teaching. Investigative activity. Basic Education.

INTRODUÇÃO

A pesquisa configura-se como um instrumento essencial em níveis distintos de formação, justamente pelo seu papel questionador e investigador da realidade. Por esse

motivo, neste artigo, buscamos pensar em como articular esse instrumento com a prática docente, mais especificamente no que diz respeito à Educação Básica.

Nessa perspectiva, nos propomos a apresentar e discutir o conceito de pesquisa com o objetivo de compreendê-la em sua essência e profundidade, como uma ferramenta necessária para o professor pesquisador nos variados segmentos educacionais em que ele está inserido. Depreendemos a respeito do conceito de pesquisa a fim de pensá-la na Educação Básica, inserindo-a, ativamente, no trabalho cotidiano docente.

A temática deste trabalho baseia-se nas reflexões sobre a importância da pesquisa como caráter investigativo e como eixo articulador do ensino na Educação Básica. Essas reflexões surgiram a partir de dois cursos de extensão promovidos pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar (UFRRJ/IM), intitulados 'A formação inicial para professor pesquisador' e 'Professor pesquisador: pensando outras formas de se trabalhar com a pesquisa'. As propostas dos cursos de extensão trabalharam a ideia de inserção da pesquisa na formação do professor pesquisador e sua articulação com a prática docente, identificando as principais dificuldades de inserção da iniciação científica no processo de formação de novos professores pesquisadores. Tais iniciativas tiveram como finalidade estabelecer uma discussão sobre a ciência na Educação Básica e sua trajetória para o Ensino Superior e o seu retorno ao Ensino Básico por meio da promoção de formação docente que trata a pesquisa como forma de diálogo entre os conteúdos ministrados e o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, com o propósito de abordarmos a temática e traçarmos possibilidades viáveis que propiciem esse diálogo, partimos sob a perspectiva da atividade investigativa como uma forma de trabalhar a pesquisa na Educação Básica, contribuindo para um novo olhar em relação à pesquisa e ao desenvolvimento de um novo perfil de professor, o professor pesquisador. Nossa problemática está pautada na preocupação com o ensino e com a formação inicial para a pesquisa na Educação Básica. Consideramos que, para uma relação de ensino e aprendizagem, que seja de fato efetiva, faz-se necessário que esta esteja preocupada com a formação crítico-reflexiva dos alunos.

Do mesmo modo, a prática docente precisa ser realizada de forma reflexiva e questionadora. A pesquisa, portanto, está tão relacionada ao aluno e ao seu processo inicial de formação como à prática reflexiva do professor por meio da pesquisa como

instrumento formativo. Nessa perspectiva, ao longo das discussões apresentadas neste trabalho, pretendemos ressaltar a importância da sua inserção em todos os espaços formativos, para que ensino e pesquisa estejam articulados.

Posto isso, o objetivo deste artigo é apresentar a pesquisa como atividade investigativa, possibilitando um ensino preocupado com a criticidade, a reflexão do aluno sobre sua realidade e as questões que o permeiam como sujeito, a partir de um trabalho bibliográfico sobre a temática da pesquisa em educação no Brasil e sua aproximação com as questões relacionadas ao ensino.

Com a finalidade de atingirmos nossos objetivos, é importante pautar que partimos da compreensão de educação como uma instituição inserida em determinada sociedade, injusta e desigual. Nesse sentido, torna-se um desafio praticarmos um ensino que priorize o senso crítico-questionador da realidade em todo âmbito educacional. Nossa educação, vinculada ao sistema econômico-político-social vigente no Brasil, está para reproduzir os ideais impostos, isto é, uma educação de ensino transmissivo e pouco preocupada com a formação crítica desses indivíduos.

Sem negligenciar as questões que permeiam nosso meio social e atravessam nosso campo de estudo, buscamos, mediante pesquisas e leituras, traçar estratégias que nos permitam ir de encontro aos ideais de reprodução pré-estabelecidos. Por esse viés, nossos estudos estão pautados em uma metodologia qualitativa, fundamentada no levantamento teórico para aprofundamento da temática.

Para o conceito de pesquisa, nossos aportes teóricos são: Aline Moura (2018), Antônio Joaquim Severino (2007), Maria Cecília de Souza Minayo (2008), Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2003). Compreendemos que, antes de introduzirmos a ideia da pesquisa para Educação Básica, é necessário entendermos a ferramenta que pretendemos discutir e utilizar. Portanto, apresentar o conceito de pesquisa é essencial para a estruturação da proposta deste artigo.

Buscamos, mediante as contribuições de Bernadete Gatti (2001, 2010, 2014, 2020, 2021), Marli André (1994, 2016), Marly Pesce (2012, 2013) e Menga Lüdke (2005), elucidar as questões da temática, de forma a traçar nossas contribuições sobre a questão, partindo da articulação de ideias baseadas nessas autoras, que nos proporcionaram melhor entendimento sobre como pensar a pesquisa fora do espaço acadêmico.

Ademais, as escolhas teóricas para este trabalho partem de uma perspectiva preocupada com a relação ensino e aprendizagem e os influxos da mesma para o docente, o discente e para a sociedade em geral.

Em nosso trabalho, a investigação teórica da relação ensino e aprendizagem, pautada na inserção da pesquisa na formação inicial a partir da proposta de atividade investigativa, é essencial. Discutir e debater pesquisa e docência, assim como teoria e prática, enriquece o campo da educação e amplia nossas possibilidades de ação para um ensino menos transmissivo e mais construtor de conhecimento.

1 PENSANDO A PESQUISA PARA ALÉM DA UNIVERSIDADE

Neste trabalho, a pesquisa é caracterizada como a expressão teórica da construção do objeto que se investiga articulada ao pensamento, apresentando-se como produto do intelecto daquele que reflete e constrói, teoricamente, um determinado objeto presente na realidade. “A pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 169). Trata-se de uma atividade cognitiva e da produção intelectual humana que nos permitem elucidar questões, ideias e debates que atravessam nossas leituras e experiências.

De acordo com Severino (2007), a pesquisa se estabelece como investigação científica em relação a um objeto que se constrói teoricamente. No entanto, devido a profundas áreas de conhecimento,

[...] ocorrem diferenças significativas no modo de se praticar a investigação científica, em decorrência da diversidade de perspectivas epistemológicas que se podem adotar e de enfoques diferenciados que se podem assumir no trato com os objetos pesquisados e eventuais aspectos que se queira destacar” (SEVERINO, 2007, p. 118-119).

A pesquisa está totalmente relacionada à investigação, à curiosidade e à teoria, pois, por intermédio da produção acadêmico-científica, a teoria emerge como contribuição de conhecimento para o campo no qual está inserida, nesse caso, para o campo da educação. Nossa proposta visa apresentar a essência do conceito de pesquisa, a fim de pautar sua importância como recurso para a ação docente.

A pesquisa configura “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção

da realidade” (MINAYO, 2008, p.16). A atividade de pesquisa acontece quando a realidade é questionada e o objeto da questão é construído teoricamente, dando luz ao conhecimento. Segundo Minayo (2008), a pesquisa está relacionada ao ensino no que se refere às atualizações científico-acadêmicas que ocorrem devido às produções de conhecimento e ao meio social, logo, a realidade.

Ainda de acordo com Minayo (2008), a pesquisa articula pensamento e ação, pois parte de uma construção teórica do objeto presente na realidade que é realizada por meio do pensamento. Nessa perspectiva, o caráter intelectual da pesquisa, ao que se refere à reflexão do sujeito sobre o objeto, torna-a uma atividade de investigação reflexiva.

Justamente pelo caráter investigativo e reflexivo inerente à prática de pesquisa, é que destacamos a mesma como ferramenta essencial para um processo formativo pautado na busca de uma aproximação da realidade e da criticidade do sujeito. Consideramos que “a pesquisa é uma atividade básica de indagação e descoberta, uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo de investigação; é uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota” (MOURA, 2018, p. 134).

Nessa perspectiva, a pesquisa acontece a partir de algo que se investiga, problematiza, indaga e se quer descobrir ou redescobrir. Segundo Moura (2018, p. 135):

Para pesquisar é preciso ter uma pergunta, uma questão, um problema a ser respondido ou solucionado, e para fazer as perguntas ‘certas’ é preciso que tenhamos um pressuposto do que seja ciência. Sendo assim, o trabalho de pesquisa não é um processo de recomeçar constante, mas a retomada de questões sobre o conhecimento acumulado.

Compreendendo a pesquisa como movimento de problematizações e questionamentos sobre o mundo que nos circunda e com uma realidade que se pretende conhecer ou aproximar, é preciso ter a clareza de que a sociedade, como sistema econômico-político-social, está constantemente nos apresentando questões e indagações. Estamos inseridos em uma sociedade com tanto a se repensar, onde não faltam perguntas a serem feitas e respondidas, bem como questões a serem debatidas e redescobertas, o que faz com que muito se tenha a refletir.

Pensando o conceito de pesquisa e sua relação com as questões da sociedade, com o intuito de podermos compreender a essência e as características que a indicam como um instrumento útil e crucial para o ensino, parte-se para as seguintes questões: Por que

pensar a pesquisa para além da universidade? Como articular a prática à teoria, pensando o diálogo entre ensino e pesquisa?

Para alcançarmos as respostas das questões levantadas, precisamos compreender que as universidades, em origem, não possuem a prática de articular ensino e pesquisa, como aponta Gatti (2001, p. 71-72):

As universidades brasileiras, com raras exceções, não nasceram conjugando pesquisa e ensino; voltavam-se só para o ensino, para dar um diploma profissionalizante, tanto as de natureza confessional, como as leigas privadas e algumas das públicas. Elas não foram estruturadas para incorporar a produção de conhecimento de modo sistemático como parte de sua função e, sequer, para discutir o conhecimento.

A falta de articulação entre ensino e pesquisa ou teoria e prática é uma questão a ser pensada nas universidades brasileiras e em todas as instâncias institucionais relacionadas ao Ensino Superior no Brasil. Segundo Gatti (2021), a universidade lança pouco esforço para se aproximar e, com isso, o diálogo nem sempre se faz, pois, ainda para a autora, do ponto de vista das instituições produtoras de conhecimento, há pouca iniciativa das universidades de se aproximar das realidades.

No campo da educação, de maneira geral, em seus diferentes cursos universitários, falta diálogo entre o campo prático e o teórico, tornando mais difícil o papel social dessas instituições e seu diálogo com o ensino para além dos muros da universidade.

É importante salientar que, apesar de todas as questões adversas, e ainda que se apresente de forma distante para tantos alunos, a pesquisa exerce um papel fundamental na formação do professor pesquisador, bem como para o aluno da Educação Básica que irá usufruir da criatividade e criticidade de um novo perfil docente. “Iniciativas também podem ser destacadas na formação inicial em licenciaturas, as quais evidenciam novas perspectivas florescendo com a preocupação relativa às práticas pedagógicas” (GATTI, 2020, p. 21). É preciso que se faça um movimento de pensar novas possibilidades, procedimentos e instrumentos para as práticas pedagógicas. Nesse intuito, identificamos a pesquisa como um método viável para pensar a docência e a prática pedagógica.

No entanto, é preciso pontuar que a pesquisa como produção teórica, por mais que abranja uma grande quantidade de elementos sobre a realidade, nunca dará conta de toda complexidade prática do cotidiano escolar e do campo prático vasto da atividade docente,

pois existe uma subjetividade complexa na qual a prática acontece onde não existem regras fixas a serem seguidas. Por esse motivo, conforme aponta Gatti (2001, p. 71):

A pesquisa não pode estar a serviço de solucionar pequenos impasses do dia-a-dia, porque ela, por sua natureza e processo de construção, parece não se prestar a isso, vez que o tempo da investigação científica, em geral, não se coaduna com as necessidades de decisões mais rápidas.

Entendemos, dessa forma, que o imediatismo da pesquisa e a não compreensão de suas possibilidades como ação investigativa fazem com que o professor se agarre a questões práticas e frágeis que deixarão impasses em sua atividade docente cotidiana. Por outro lado, ao destacar o lugar da teoria no processo de conhecimento, não estamos negando o importante papel da empiria e da prática, pois o processo de conhecimento não acontece sem a realidade, não acontece fora de uma relação de confronto entre a teoria e a prática. Nessa relação, a teoria é entendida como esforço racional que compreende ações de organização e de generalização que contribuem para o entendimento da realidade, que é complexa, dinâmica e que compõe uma totalidade.

Pensar a teoria, representada pela pesquisa, como uma espécie de manual é afirmar seu limite funcional de possibilidades, designando a ela uma atividade que não lhe é cabível e nem mesmo possível. A teoria ou mesmo a pesquisa, não ditam a prática, pois estas não têm esse poder ou intenção.

A educação é um campo complexo, que não nos permite generalizações e métodos pré-estabelecidos de ações. Desse modo, é impossível que a pesquisa dê conta de todas as subjetividades e individualidades presentes na referida área. Atribuir à pesquisa essa função torna-se um grande equívoco para o avanço do campo, a saber, de seus impactos tanto na prática escolar, quanto na produção de conhecimento em educação.

Nessa perspectiva, a pesquisa como a expressão teórica do conhecimento apresenta-se como o procedimento que possibilita a reflexão e a construção do pensamento sobre a prática. No campo da educação, a pesquisa configura-se como aliada ao processo formativo do professor pesquisador e a sua prática docente. Sua função está vinculada à leitura e à aplicação contextualizada e não normativa. Em outras palavras, usa-se a pesquisa para pensar, teoricamente, sobre a prática e, a partir dela, contextualizar o conhecimento, de maneira que se adeque a realidade em que o professor e o aluno estão

inseridos.

Ademais, para uma educação preocupada com a relação de ensino e aprendizagem, a pesquisa tem papel fundamental de base e estruturação do pensamento crítico do aluno, pois ela tem caráter investigativo e questionador da realidade em que se encontra inserida. Justamente devido ao seu caráter problematizante ela se torna instrumento importante para o processo formativo do aluno da Educação Básica, mesmo compreendendo as questões estruturais, organizativas e políticas da escola e as limitações institucionais impostas ao docente ao longo do processo de pensar novas possibilidades para a prática pedagógica.

Segundo Gatti (2021), existe a cultura do *Habitus* que surge da interlocução entre os conhecimentos construídos por pesquisas na área da educação versus gestões educacionais e setores acadêmicos e que precisa ser transposta para que seja pensada e dirigida melhor qualificação da formação e valorização do magistério. Ainda para Gatti (2021), existe uma complexa relação entre pesquisa, políticas e práticas educacionais. “Há inegavelmente uma porosidade entre o que se produz nas instâncias acadêmicas e o que se passa nas gestões e ações nos sistemas de ensino, mas os caminhos que medeiam essa inter-relação não são simples nem imediatos” (GATTI, 2001, p. 77).

Compreendemos que o movimento da pesquisa para a Educação Básica não é uma tarefa fácil e nem mesmo imediata. Entretanto, não podemos basear nossas perspectivas na afirmação de um caminho dificultoso e deixar de lado o trabalho crítico, reflexivo e intelectual que busca novas práticas de ensino. É o anseio por revolução e reestruturação que move o trabalho focado na perspectiva crítica, reflexiva e intelectual de ensino.

Apesar dos muitos debates sobre aprendizagem significativa e contextualizada, a metodologia tradicional de ensino ainda é presente nos espaços institucionais de ensino. É preciso que pensemos a escola,

[...] como espaço potente para a problematização, revisão e ampliação de conhecimentos, por meio da propositura e da solução de problemas que, de fato, sejam instigantes e enriquecedores [...]. Isto pressupõe desenvolver práticas que considerem a curiosidade, a observação em articulação com análises constantes, estudo contínuo, trabalho em colaboração (GATTI, 2020, p. 21).

A escola, e a educação como um todo, precisa ir além da preocupação com a

transmissão de conteúdos, pois isso implica uma formação engessada, voltada para o mercado de trabalho pouco crítico. O modelo formativo vigente tem por objetivo um ensino para o trabalho braçal e a conformidade da população, a saber, um modelo de formação completamente atrelado aos ideais de reprodução da sociedade regida pelo capital.

De acordo com essa lógica, devido à intensa e massiva influência dos ideais capitalistas e mercadológicos na educação, ocorre uma fragilidade no processo formativo que subjuga a segundo plano a criticidade, o questionamento, a problematização e o debate. O projeto capitalista consiste em “transferir a educação da esfera política para a esfera do mercado, questionando, assim, seu caráter de direito e reduzindo-a à sua condição de propriedade” (SANTOS; FIORESE; COMAR, 2020, p. 3). Nesse sentido, é urgente que se discutam possibilidades para pensar um ensino combatente e que não se limite a assimilação de conteúdo, mas que se questionem esses conteúdos sendo capaz de analisá-los e problematizá-los.

Para promover um ensino combatente contra os propósitos do sistema, é preciso pensar a ação docente para além da transmissividade mediada pelo conteudismo. Podemos caracterizar o processo de formação como a ação docente no sentido de contribuir para que o aluno pense e questione a realidade e a sociedade na qual está inserido, articulando-as, o quanto possível, aos conteúdos propostos em sala de aula. De modo algum, nosso intuito é desvalorizar os conteúdos didáticos de formação, no entanto, o alerta direciona-se a supervalorização de um ensino conteudista sem a aprendizagem significativa e transformadora para o aluno.

Em vista disso, o que temos é uma educação alienada e alienante que limita a ação docente em meio a prazos, organização, orçamento, burocracias e politicagem que, por fim, acaba coibindo ou fragmentando a formação crítico-reflexiva do aluno. Santos, Fiorese e Comar (2020, p. 9) apontam que:

Cada componente do setor educacional precisa prestar conta dos seus resultados e da atuação que se espera dele, agora julgado e cobrado, seja pelas avaliações externas, ou premiações, o que contribui para a criação de uma cultura empresarial competitiva no âmbito pessoal e local, não importando as diferenças pessoais e culturais, desde que a prestação de contas seja amplamente divulgada.

Nesse cenário de exigências, disputas e recompensas também se inserem o trabalho do professor que, em um ritmo burocratizante e exaustivo, acaba por limitar sua atuação ao patamar de lançar e transmitir conteúdo. Compreendendo que existe uma possibilidade de tratar os conteúdos de forma mais problematizadora e crítica, entendemos ser de extrema importância o trabalho docente articulado à pesquisa como ferramenta didática.

Importante deixar claro e ratificar a ideia de que a pesquisa sobre a qual tratamos neste escrito e que é pensada para a Educação Básica não é a mesma proposta apresentada pela universidade e instituições de pesquisa. A pesquisa como será discutida a partir do próximo tópico, precisa ser pensada como possibilidade formativa e não é e nem pode ser trabalhada da mesma forma como se apresenta nas instituições de Ensino Superior. Vislumbramos entender e compreender a essência da pesquisa, a fim de introduzi-la em todos os segmentos da Educação Básica, a partir de estratégias que propiciem este movimento.

Por este viés, se a pesquisa, em sua essência, implica em investigar, questionar, problematizar, levantar hipóteses e suscitar a curiosidade, o ensino deve pautar-se pelas mesmas características, pois conforme elucida André (2016, p. 33),

[...] a pesquisa visa a constituição de sujeitos autônomos, que tenham opiniões e ideias próprias e que ao fazer uma leitura crítica da realidade, do seu contexto de trabalho, saibam o que e onde buscar referências e recursos, para entender o que se passa, e para delinear caminhos de atuação nessa realidade.

Nesse sentido, entendemos e defendemos que a atividade de pesquisa é fundamental para o processo formativo do professor pesquisador e para sua prática docente. Pensar a atividade de pesquisa na Educação Básica remete a uma preocupação anterior, uma preocupação com o processo de formação docente nas universidades.

Para Gatti (2020, p. 18), “a questão das práticas educacionais na formação para a futura docência na educação básica abrange dois universos: o que se pratica como formação nas licenciaturas e as condições de criação de práticas frutíferas para o futuro trabalho na educação básica”. Nesse sentido, afirmamos que, embora nossa temática de discussão seja a importância da pesquisa como caráter investigativo e como eixo articulador do ensino na Educação Básica, não entendemos ser possível tratar dessa temática sem pensar

a formação inicial do professor pesquisador. Trata-se, neste trabalho, de uma articulação necessária.

Somente a partir de um processo formativo que valorize a pesquisa e que compreenda suas características para além da produção de conhecimento acadêmico, podemos pensar um novo perfil profissional para o docente. Um professor pesquisador que questione sua própria formação é capaz de trabalhar o significado crítico de formação de bases científicas e fomentar a educação reflexiva e questionadora.

Anterior ao trabalho com a atividade investigativa encontra-se a preocupação da inserção da pesquisa em ambos os processos formativos. Depreender sobre a questão da importância dessa articulação é o ponto chave que nos possibilita pensar em um novo modelo de ensino e em práticas efetivas em sala de aula.

2 ATIVIDADE INVESTIGATIVA: UMA POSSIBILIDADE FORMATIVA

Romper com a dicotomia entre teoria e prática e ir além do ensino transmissivo e disciplinar, com o objetivo de propor um novo perfil de professor, vem sendo uma tarefa há muito discutida, mas que caminha a passos lentos, uma vez que esbarra nas próprias condições político-institucionais dos processos educativos que tornam a escola e mesmo a universidade ambientes cada vez mais preocupados em atingir metas de produtividade.

Compreende-se que a educação precisa tratar das questões da sociedade para a formação de um sujeito crítico e capaz de questionar seu lugar no espaço econômico-político-social desta sociedade. Por isso, defendemos que as funções dos espaços institucionais da educação precisam ser pensadas e repensadas. Para Gatti (2021), é preciso a realização de algo novo que exige estudos e ações ousadas que criem rupturas no *status quo*, o que demanda vontade e trabalho coletivo. Também, por isso, é de suma importância discutir a formação do professor, para que o processo de ensino e aprendizagem acompanhe as ações ousadas que são necessárias para o campo da educação. A sociedade de hoje precisa de um professor que proporcione ao seu aluno real autonomia e que viabilize a participação ativa desse aluno, na escola, na universidade e no mundo.

Segundo Gatti (2010), é necessária uma revolução nas estruturas institucionais para que a formação docente, realmente, considere as demandas da Educação Básica.

Pensando no potencial didático relacionado à pesquisa e na necessidade de proporcionar aproximação com o campo prático, trabalhamos com a ideia da pesquisa como atividade investigativa, capaz de promover a atitude investigativa, pautada em um modelo de formação fundamentado na investigação. Para Pesce, André e Hobold (2013), a pesquisa é inseparável do trabalho docente, devendo ser ensinada sistematicamente na formação inicial.

A atividade investigativa é apresentada, neste trabalho, como possibilidade de inserção da pesquisa já na Educação Básica. Entretanto, para que esse diálogo entre ensino e pesquisa exista, mediante tal atividade, é fundamental um olhar cauteloso com a formação do professor, o que traz à tona a preocupação com a dicotomia entre teoria e prática que também se apresenta na universidade. Os desafios para a formação desse professor começam com a reivindicação de uma nova profissionalidade, em que se aposte no professor reflexivo, professor ativo e professor pesquisador e em que possamos desmistificar a ideia de que pesquisa é uma atividade que não cabe a todos. Os cursos de formação precisam estar abertos a repensar, de forma institucional, o lugar onde coloca o ensino e a pesquisa (MOURA, 2019).

Segundo Corrêa (2000), no que diz respeito à relação entre teoria e prática, é necessário conjugá-las e não dicotomizá-las, vez que uma não exclui a outra e ambas se constroem em um processo que deve priorizar o ser humano, seus conhecimentos e suas possibilidades de ações transformadoras. Nessa perspectiva, para Corrêa (2000, p. 99):

No momento em que a teoria se submete à prática ou a prática submete-se à teoria, será negada a existência sociocultural do ser humano, a sua existência enquanto um ser de relação com potencialidades inatas e portador de conhecimentos, bem como será impossível oportunizar e mesmo reconhecer seu desenvolvimento integral. Torna-se inviável, no contexto atual, buscar submeter uma à outra e/ou considerá-las isoladamente, devido às relações que cercam o próprio ser humano e a necessidade de fundamentar, teoricamente, tanto as suas ações quanto analisar as conseqüências daí decorrentes em função de uma teoria que as pressupõe.

É necessário repensar as formas de abordagens da relação teoria e prática, bem como a relação entre ensino e pesquisa para que a formação do aluno, em qualquer nível educacional, não seja fragmentada e subalterna de tendências ultrapassadas, possibilitando uma formação integral. Ademais, é necessário compreender que “isolar a

teoria da prática e a prática da teoria é privar o homem de sua capacidade de agir consciente e historicamente” (RAYS, 1997, p. 36, apud CORRÊA, 2000, p. 99).

Conforme Porto (2002), a educação é um processo complexo que ultrapassa a ideia de adquirir conhecimento como uma coleção de informações. A educação envolve um processo de desenvolvimento global que precisa de professor o qual pense a formação integral de seus alunos, oportunizando conhecimento consciente e crítico de si e do mundo; o professor pesquisador.

O professor pesquisador proporciona a construção de uma forma de pensar curiosa, sensível, observadora, reflexiva e analítica. Pesquisar, na perspectiva de Pesce, André e Hobold (2013), é ter atitude investigativa; é ter a capacidade de elaborar questões, articular dados, construindo um pensamento crítico e investigativo. O professor pesquisador deve ser capaz de estimular propostas que levem da atitude investigativa ao pensamento investigativo.

O preparo do professor não deve basear-se apenas nas experiências que a docência pode oferecer. De modo algum, negligenciamos a importância dos saberes adquiridos por intermédio da prática. No entanto, a formação docente precisa ser repensada no que se refere aos seus conhecimentos específicos. Existe uma questão em relação ao entorno da formação docente como aponta Gatti (2014, p. 38):

No Brasil, os cursos de licenciatura mostram-se estanques entre si e, também, segregam a formação na área de conhecimento específico da área dos conhecimentos pedagógicos, dedicando parte exígua de seu currículo às práticas profissionais docentes, às questões da escola, da didática e da aprendizagem escolar. Isso denota pouca preocupação com a educação básica e o trabalho que aí os professores deverão realizar.

Portanto, não há maneira de iniciar o debate acerca da atividade investigativa, sem antes abordarmos a questão da formação do professor pesquisador, ou seja, da formação docente, mesmo que esse não seja o cerne do debate.

Para que a atividade investigativa aconteça, o professor-pesquisador precisa estar capacitado para tal e, para isso, precisa ser formado com esse objetivo. Não intentamos partir de uma ‘lógica de competências’, pois nossa angústia está na formação intelectual crítica desse profissional. O debate proposto se insere na seguinte preocupação: os professores estão sendo preparados para articular ensino e pesquisa? Essa é uma questão

que permeia nossa temática e que não pode ser negligenciada ou invisibilizada no debate.

A Educação Básica sofre com um processo formativo monótono e alienado, de forma que esses indivíduos não são instigados a uma leitura crítica de mundo e à investigação. A formação docente inserida na reprodução de uma lógica conteudista e pouco preocupada com a criticidade esquece o papel complexo que é o de formar seres humanos. De acordo com Gatti (2014, p. 40):

Uma vez que esses alunos não são seres abstratos, mas seres que partilham sua constituição com ambiências sociais cada vez mais complexas, o trabalho dos professores demanda compreensão mais real sobre eles, sobre a própria instituição escola em uma formação que lhes permita lidar com as condições concretas de aprendizagem nas ambiências das salas de aula.

A formação do aluno não pode ser limitada à transmissividade e ao conteudismo. É necessário articular ensino e pesquisa para que, como docentes, a pesquisa possibilite novas práticas que irão se expressar como a atividade investigativa, rompendo com o que Pesce, André e Hobold (2013) apontam como dicotomia entre teoria e prática.

No entanto, como já mencionado, existe uma problemática em torno da formação do professor e de seu papel no processo formativo de sujeitos. De acordo com Gatti (2014), a reflexão em relação à formação desses profissionais, às denúncias por meios teóricos e intelectuais, bem como às críticas ao modelo desse processo são variadas, porém, poucas mudanças são notadas. Assim, cabe repensar a estrutura desse processo formativo, pois “o profissional docente da educação básica merece atenção maior de conselheiros de educação, gestores, coordenadores de curso, professores do ensino superior, no que se refere à sua iniciação formativa – estrutura, currículo e dinâmica das licenciaturas” (GATTI, 2014, p. 56).

Para pensarmos a educação e escola como propulsoras de transformações sociais, é necessário nos atentarmos de maneira crítica para a formação dos profissionais inseridos na educação. André (1994) destaca a importância da pesquisa para o processo formativo do professor bem como do aluno, traçando alguns aspectos formativos essenciais desenvolvidos por meio da inserção da pesquisa: “Além de propiciar o acesso aos conhecimentos científicos, deve levar o professor a assumir um papel ativo no seu próprio processo de formação e a incorporar uma postura investigativa que acompanhe

continuamente sua prática profissional” (ANDRÉ, 1994, p. 36).

Segundo Ludke (2005), é necessário considerar como primordial a reflexão a respeito da relação entre professor da Educação Básica e pesquisa. Nesse sentido, através dos estudos bibliográficos e dos debates nos cursos de extensão ministrados sobre a temática do professor pesquisador, na UFRRJ/IM, tanto para alunos da graduação do Sistema de Seleção Unificada (SISU) e para os do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), quanto para professores das redes estaduais e municipais da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, observamos que essa relação implica a associação aluno e pesquisa que não vem falhando apenas na Educação Básica, mas inicia-se já na universidade, na formação desses professores, que têm uma aproximação com a pesquisa, muitas das vezes vinculada, exclusivamente, ao trabalho monográfico.

Para esse trabalho bibliográfico, algumas reflexões precisam ser pontuadas para que pensemos melhor sobre a temática desenvolvida, ou seja, para pensarmos a importância da pesquisa como caráter investigativo e como eixo articulador do ensino na Educação Básica, refletindo em como os processos formativos atravessam essa discussão. Segundo Moura (2020), é importante pensar a formação do professor pesquisador, compreendendo a educação como uma prática histórico-social, uma prática carregada de intencionalidade que não pode ser investigada de forma superficial e com discurso de neutralidade; além disso, por ser ação de intervenção social voltada à construção dos sujeitos, a pesquisa deve ter sempre um contexto problematizador.

Existe muita dificuldade dos alunos/professores em pensar o trabalho de ensino junto à pesquisa devido à falta de compreensão do que seria a pesquisa como atividade investigativa, tornando ainda mais complicada a compreensão dela como um caminho para o trabalho docente na Educação Básica (MOURA, 2020).

A Educação Básica deve ser a fase embrionária para a discussão ou apresentação da pesquisa, mas é preciso o trabalho de formação para os futuros professores pesquisadores para que a pesquisa, como ferramenta pedagógica, chegue à educação em todos os seus níveis. Só vai existir o professor pesquisador se existir um contato real com o fazer pesquisa no processo de formação dos futuros profissionais da educação, não se limitando aos discentes de Iniciação Científica e da pós-graduação *Stricto Sensu*. É preciso compreender a essência do trabalho docente com a pesquisa para que se inicie a trajetória do ensino

apoiado na criticidade, no questionamento e na investigação.

Destacando o aspecto da postura investigativa, Ludke (2005) aponta como essencial a ambiência para a investigação. Desse modo, direcionamos-nos à atividade investigativa. A postura investigativa configura a atitude do pensamento crítico-reflexivo tanto do professor, quanto do aluno. Caracteriza-se na maneira como o professor enxerga o ensino e, desse modo, estabelece a relação de ensino e aprendizagem. Por isso, a atividade investigativa se configura como possibilidade e estratégia a fim de potencializar a formação do aluno por intermédio do exercício constante da investigação.

Conforme aponta Amâncio, Queiroz e Filho (1999, p. 4),

[...] a formação do aluno exige um exercício constante para desenvolver suas aptidões o mais cedo possível, de modo que adquira a capacidade de indagar sobre a realidade que o cerca, de formular reflexões críticas sobre as mais diversas situações, para melhor compreendê-las e, se necessário, modificá-las.

Promover o diálogo entre ensino e pesquisa não configura trazer a pesquisa como a mesma se apresenta na academia. Entretanto, baseia-se na preocupação com processo formativo na Educação Básica, que muito corrobora não só para o desenvolvimento do aluno para níveis superiores de formação, mas também para sua formação como sujeito. Por isso, é necessário que, para além da formação docente, a prática docente seja repensada, de modo que o objetivo na docência seja de fato formação que promova a emancipação dos sujeitos de caráter questionador e crítico por meio da atividade investigativa.

É necessário pensar esse processo como a construção do pensamento crítico do aluno, incitando nos educandos um olhar observador e questionador sobre a sua realidade e sobre a sociedade, logo, a atitude investigativa. Deve-se promover o preparo para a pesquisa, por intermédio da atividade investigativa, caracterizando uma nova perspectiva de pensar a pesquisa para além da universidade e como forma de questionar o mundo.

O incentivo à pesquisa como atividade investigativa na Educação Básica configura-se como possibilidade de potencializar a formação do sujeito desde os anos iniciais mediante a estímulos curiosos e criativos, contribuindo para uma formação focada na investigação e na construção do pensamento reflexivo de suas ações como sujeito. É necessário afastar o ensino da pura transmissão e abrir caminhos para a construção do

conhecimento. Ademais, é urgente suscitar questionamentos dos alunos e olhar problematizador com o objetivo de inserí-los no que de fato é investigar e pesquisar.

Nesse sentido, possibilitar a atividade investigativa é articular o exercício docente a uma preocupação real com a formação integral do aluno, dando espaço aos discentes por meio de suas descobertas. Considerando uma perspectiva de ensino pautada no aluno como sujeito de sua aprendizagem e no professor como agente formador propulsor e utilizador das ferramentas essenciais que propiciem o desenvolvimento formativo-investigativo do aluno, entendemos que é possível ampliar as possibilidades de formação e desenvolvimento de um sujeito mais engajado e capaz de buscar significações de mundo.

Uma possibilidade de romper com a dicotomia entre teoria e prática é inserir a pesquisa como instrumento de ensino e aprendizagem desde os anos iniciais. É realizar a prática pensada e reflexiva através da teoria, compreendendo a relação entre ambas, suas funções e papéis mediante o ensino e a aprendizagem. É usufruir da produção acadêmica-intelectual e contextualizá-la. É traçar uma ponte e realizar a troca entre extremos tão debatidos. É considerar a pesquisa como essencial e compreendê-la como braço do ensino e da aprendizagem significativa que tanto falamos, estudamos e escrevemos.

É necessário olhar para além da universidade, sem, de modo algum, negligenciá-la em sua função formativa, trazendo a articulação necessária e devida para a pesquisa como estratégia, e a atividade investigativa como possibilidade de novos alcances para o trabalho docente e para a formação na Educação Básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos de considerações finais, talvez não tão findadas assim, depreende-se que as problemáticas do ensino e da pesquisa nos perseguem e nos atravessam como docentes. Sendo assim, na mesma intensidade em que buscamos estratégias para uma ‘revolução’ do ensino, procuramos neste trabalho resgatar a importância do diálogo entre ensino e pesquisa para/em Educação Básica, pensando uma prática docente, reflexiva, crítica e articulada à investigação da realidade.

Intentamos suscitar questionamentos e provocar debates no que se refere à utilização da pesquisa articulada à formação inicial escolar. Por intermédio da apresentação

de nova perspectiva de se pensar a pesquisa, vislumbramos um olhar diferente para o diálogo entre ensino e pesquisa. De maneira alguma, isso significa retirar da pesquisa seu caráter teórico, intelectual e acadêmico, mas sim pensá-la a partir de sua essência, de seu processo de construção, considerando algumas de suas características como curiosidade, investigação, observação, problematização, análise, questionamento e debate. As características da pesquisa como atividade investigativa são capazes de estimular o saber diagnosticar, de levantar hipóteses, de buscar fundamentação teórica e de analisar dados, oportunizando uma forma mais ampla de promover o processo de ensino e aprendizagem.

A questão da prática docente alinhada à pesquisa não se esgota nesta escrita e nem mesmo em tantas outras contribuições teóricas em relação à temática. Está presente no hoje e no agora e será inquietação até que, de fato, cheguemos ao objetivo de uma educação transformadora. O percurso até a transformação da Educação Básica, isto é, a preocupação com a formação inicial para a pesquisa, a reflexão, o pensamento e a emancipação do sujeito é longo, considerando a sociedade em que estamos inseridos.

Por fim, pensar em uma educação transformadora por meio da inserção da pesquisa e do pensamento crítico configura-se como ato de protesto ao sistema. A valorização da pesquisa na Educação Básica, defendida neste texto, propõe não só a reflexão sobre a formação intelectual desde os primeiros contatos com a educação escolar como também, aos docentes, um novo olhar para a pesquisa, com o propósito de desmistificar a ideia de que ‘a teoria não dá conta da prática’.

Em suma, propomos não só uma reflexão referente à prática pensada a partir da teoria, bem como a transformação de nossas concepções de educação transmissora de conhecimento para uma educação construtora de conhecimento, consciente e emancipatória dos sujeitos mediante à atividade investigativa, isto é, do pensamento e da ação docentes na relação aluno-professor. A pesquisa deve ser atividade do professor e do aluno em qualquer nível de ensino e essa é uma luta que precisa ser ampliada.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Ana Maria; QUEIROZ, Ana Paula de; AMÂNCIO FILHO, Antenor. O programa de vocação científica da Fundação Oswaldo Cruz (Provoc) como estratégia educacional relevante. **Revista nota de pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 1999.

ANDRÉ, Marli. O papel da pesquisa na articulação entre saber e prática docente. In: CLAVES, S. M.; TIBALLI, E. F. (orgs.) **Anais do VII Endipe**. Goiânia, v. 2, 1994.

ANDRÉ, Marli. A formação do pesquisador da prática pedagógica. **Plurais revista multidisciplinar**, Salvador, v. 1, n.1, p. 01-12, jan/abr, 2016.

CORRÊA, Carina Tramontina. Teoria-prática-teoria: manifestações na prática escolar. **Revista Pedagógica**, Chapecó, n. 5, p. 97-105, jul/dez, 2000.

GATTI, Bernadete. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquisa**, n. 113, p. 65-81, jul, 2001.

GATTI, Bernadete. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Revista educação e sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out/dez, 2010.

GATTI, Bernadete. Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 25, n. 57, p. 24-54, jan/abr, 2014.

GATTI, Bernadete. Perspectivas da formação de professores para o magistério na educação básica: a relação teoria e prática e o lugar das práticas. **Revista da FAEEDBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 29, n. 57, p. 15-28, 3 abr. 2020.

GATTI, Bernadete. A formação de professores e a pesquisa educacional. **Aula Magna 2020.2. 22ª Conversa com a FEUFF**, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 26 de fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cQHfhp2gqw>. Acesso em: 26 de fev. 2021.

LÜDKE, Menga. O professor e sua formação para a pesquisa. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 7, p. 333-349, jul/dez, 2005.

MINAYO, Maria Célia de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Célia de Souza. **O desafio da pesquisa social**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.9-29.

MOURA, Aline de Carvalho. **O processo de institucionalização da pesquisa educacional no Brasil**: argumentos, debates e iniciativas. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MOURA, Aline de Carvalho. Cursos de Extensão, uma questão institucional: a formação do professor pesquisador. X Seminário Internacional **As Redes Educativas e as Tecnologias**. Rio de Janeiro, de 01 a 04 de julho de 2019.

MOURA, Aline de Carvalho. Formação de professores e a introdução da atividade de pesquisa para educação: uma experiência formativa com alunos do PARFOR. **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas**: tensões e perspectivas na relação com a formação docente / organização: Giseli Barreto da Cruz; Carmen Teresa Gabriel; Mônica

Vasconcellos; Patrícia Bastos de Azevedo. p.137-145, - 1. ed. - Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; Endipe /DP et Alii, 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. In: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003, p. 75-81.

PESCE, Marly Krüger de; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de; HOBOLD, Marcia de Souza. Formação do professor pesquisador: procedimentos didáticos. **XI Congresso nacional de educação Educere**, Curitiba, 2013.

PORTO, Tania Maria Esperon. Pedagogia da comunicação: da teoria prática com professores e alunos. **Revista Pedagógica**, Chapecó, n. 8, p. 15-38, jan/jul, 2002.

SANTOS, Franciele Soares dos; FIORESE, Gilmar; COMAR, Sueli Ribeiro. A meritocracia nas orientações internacionais: convergências e desafios para educação brasileira. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 22, p. 1-17, 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. In: SEVERINO, Antônio Joaquim. **Teoria e prática científica**, 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007, p. 99-126.

Enviado em: 02-02-2021

Aceito em: 02-03-2021

Publicado em: 05-04-2021